

Renda no DF é espelho do Brasil

Raimundo Rocha

O Distrito Federal, mesmo com a maior renda per capita do País, superando estados industrializados como São Paulo e Rio Grande do Sul, está com a maior parte de sua renda concentrada nas mãos de uma pequena parcela da população com renda milionária. Menos de 20 por cento dos moradores ficam com mais de 80 por cento dos salários e rendimentos pagos por órgãos públicos e empresas privadas instalada na capital federal, refletindo fielmente o modelo concentrador de renda implantado no Brasil nas últimas décadas.

Mesmo liderando o faturamento per capita entre as unidades da federação desde 1985, conforme levantamentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Distrito Federal é geograficamente a prova concreta desse modelo concentrador, com a população melhor aquinhoadada localizada em áreas nobres, caracterizadas por apartamentos e mansões de luxo. Do outro lado das estatísticas estão as satélites, principalmente as mais distantes do Plano Piloto, onde fica a ponta mais frágil da linha salarial brasiliense, como apontam os números preliminares de uma pesquisa domiciliar, realizada pela Codeplan.

A pesquisa foi realizada no final do ano passado com o objetivo de conhecer os hábitos de deslocamento e das características das viagens realizadas pela população urbana do DF, estimada em um milhão 722 mil habitantes, além de levantar dados sócio-econômicos e incluir algumas das particularidades da habitação no Distrito Federal. A amostragem abrangeu 11 mil 255 residências localizadas em 273 zonas de tráfego.

Contraste — Os indicadores econômicos e sociais apontados pela pesquisa mostram que em Brasília, incluindo o Lago Sul e Lago Norte, mais de 42 por cento da população ganham mais de 30 salários mínimos e mais de 84 por cento têm rendimentos superiores a Cr\$ 340 mil, o equivalente a 20 mínimos. Além

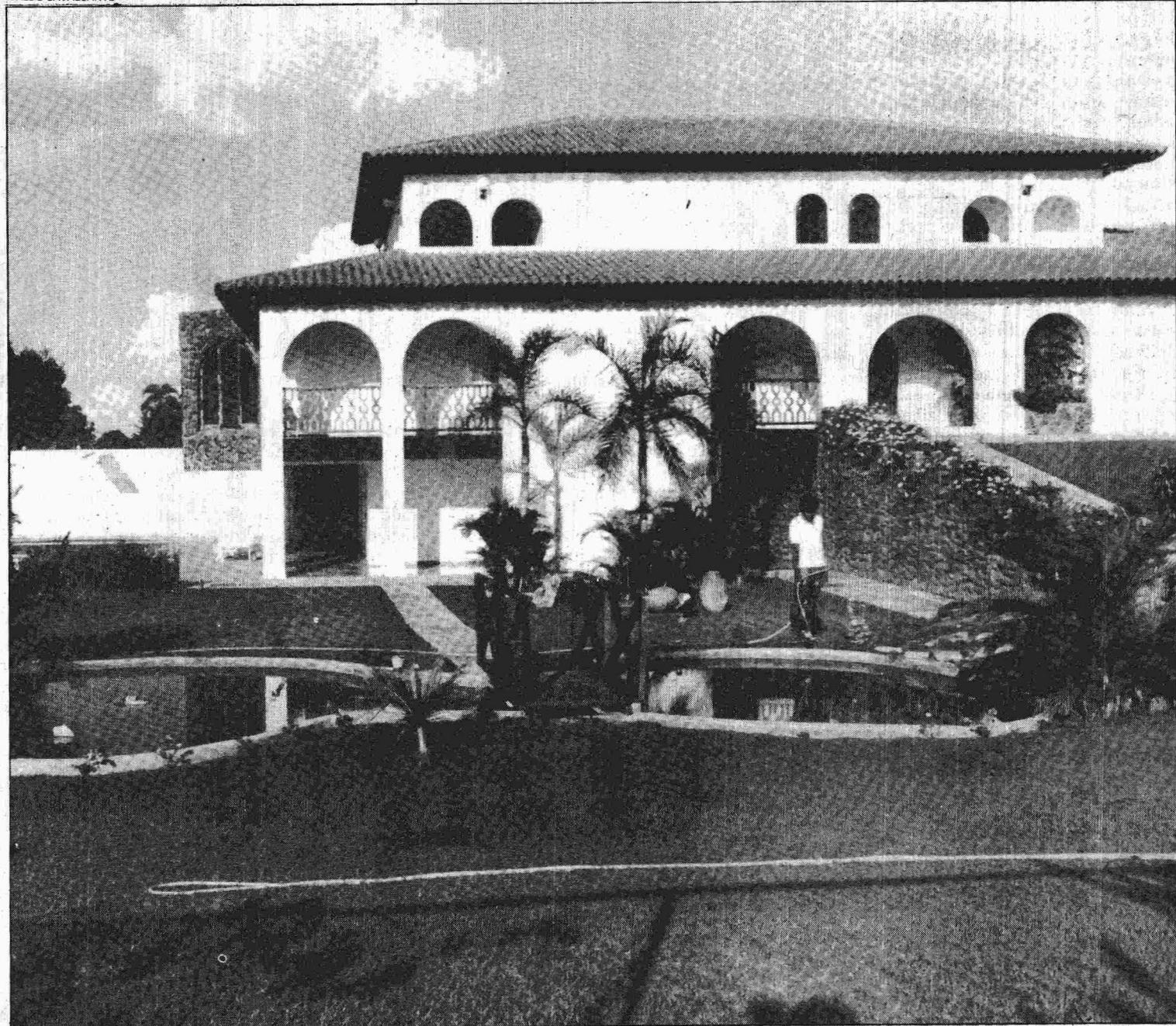
disso, apenas seis por cento do total de 330 mil moradores ganham somente até cinco salários mínimos, enquanto na Ceilândia, onde está a maior população urbana do DF, cerca de 381 mil habitantes, mais de 60 por cento desse contingente estão com rendimentos de um ao máximo de cinco mínimos.

Na Ceilândia também pouco mais de um por cento dos moradores ganham mais de 20 salários mínimos, um faturamento que nenhum morador do Paranoá tem. Nessa satélite, aproximadamente cem pessoas ganham entre dez e 20 mínimos. Em Samambaia metade da população, cerca de 70 mil pessoas, ganham de um até o máximo de três salários mínimos e apenas 30 mil moradores recebem mais de Cr\$ 85 mil.

Distância — Quanto mais distante é a satélite do Plano Piloto, mais contrastante se torna a constituição da renda de seus moradores em relação ao faturamento das famílias situadas na região administrativa de Brasília. Planaltina, a mais distante, tem 62 por cento de seus habitantes ganhando de um até o máximo de cinco salários mínimos. Em Brazlândia essa proporção cai para 60 por cento e para 52 por cento no Gama, já em Taguatinga e Sobradinho, que estão mais próximos do Plano Piloto, apenas 35 por cento de seus habitantes estão nessa faixa salarial.

No Guará, distante apenas 12 quilômetros da área central de Brasília, a população já apresenta melhor poder aquisitivo e apenas 17 por cento ganham de um ao máximo de cinco salários mínimos. No Cruzeiro, ainda mais perto do Plano Piloto, apenas dez por cento de seus moradores estão incluídos nessa faixa, aproximando-se do índice de seis por cento registrado em Brasília. A exceção fica por conta do Núcleo Bandeirante, pois apesar de sua proximidade com o Plano Piloto tem mais de 40 por cento de seus habitantes recebendo até cinco salários mínimos.

IVALDO CAVALCANTE



O luxo das mansões do Lago refletem o alto poder aquisitivo de seus moradores, com média salarial acima de 30 mínimos